



A CADEIRA

Categoria	Mobiliário
Matéria	Madeira e Buinho
Dimensões	100 cm de altura 44,6 cm de largura
Descrição	Cadeira com travessas de madeira e assento em buinho
N.º inventário	M.L. 1489
Doador	João Chilrito Farias



João Chilrito nasceu em 1939 na aldeia da Luz, onde ainda reside com a sua mulher, Maria Rita. Como a maioria dos homens do seu tempo, passou grande parte da vida a trabalhar no campo, primeiro como pastor e mais tarde na agricultura. Emigrou para França, onde trabalhou nas campanhas agrícolas e depois para a Suíça, onde foi jardineiro. De regresso à Luz abriu um café que manteve durante 10 anos, ao fim dos quais se reformou, momento em que inicia a sua actividade de cadeireiro e se dedica com mais afinco à poesia.

“AO LONGO DA MINHA VIDA
FABRIQUEI CENTOS DE CADEIRAS.”



A CADEIRA

O OBJECTO

A cadeira está geralmente associada ao descanso e ao conforto, havendo vários tipos de cadeiras: cadeiras de cozinha, cadeiras de costura, cadeiras de lareira, cadeiras de criança, cadeirões, cadeirões de baloiço e bancos.

Esta é uma cadeira de cozinha, feita por João Chilrito há mais de 25 anos, fazendo parte de um conjunto trazido para a sala da sua nova casa da Luz. No fabrico das suas cadeiras utilizava materiais como: o loendro ou outra qualidade de madeira, o buinho, a atabua ou o cordel. Dependendo da qualidade destes materiais, uma cadeira podia estar em uso cerca de 90 anos.

O OFÍCIO

João Chilrito aprendeu o ofício de cadeireiro observando os homens mais velhos que o praticavam, como o seu pai e o seu avô, numa época em que todos os homens faziam cadeiras. Ao longo da sua vida fabricou "centos" de cadeiras, encomendadas por pessoas que o procuravam, vindas de todo o Alentejo e até de Lisboa, o que foi para si motivo de grande orgulho. Afirmo que cada artesão tinha uma forma própria de fazer cadeiras, funcionando como uma assinatura que permite reconhecê-las "onde quer que elas estejam".

A oficina de João Chilrito ficava no alpendre do seu quintal, onde existia uma grande bancada e as ferramentas com as quais trabalhava a madeira, como o trado, a grosa, o soplho e a enxó. Após a apanha do buinho e do loendro, trabalhava a madeira e dava-lhe a forma desejada. Começava pelas costas, depois as travessas do assento e finalmente os pés. Depois de a cadeira

DE JOÃO CHILRITO POETA E CADEIREIRO DA ALDEIA DA LUZ

estar armada procedia ao empalhamento. O cadeireiro demorava entre um a dois dias para fabricar uma cadeira e cerca de três dias para produzir um cadeirão. Ainda que mais trabalhoso, o cadeirão era considerado mais nobre e o que o artesão mais gostava de fazer. Mas foram as cadeiras, sobretudo as de cozinha, que mais vendeu, custando então cerca de 6 contos.

O ofício de cadeireiro era essencialmente praticado pelos homens, embora João Chilrito ainda se recorde, quando era jovem, de algumas mulheres da aldeia que faziam o empalhamento das cadeiras. Tornou-se fazedor de cadeiras depois de se reformar, aliando este ofício ao gosto pela poesia. Enquanto trabalhava a madeira com as suas mãos, ia pensando nas coisas do Mundo, da Luz e do Alqueva, construindo versos que ia anotando no seu caderno.

MEMÓRIAS DO RIO

Era o próprio João Chilrito que colhia o buinho e o loendro com que fabricava as suas cadeiras. Estas matérias-primas despontavam junto do rio Guadiana e das linhas de água e estavam prontas para serem colhidas nos meses de Junho e Julho. Esse trabalho podia ser feito nos dias em que as mulheres iam lavar a roupa para o rio. A apanha destes materiais estava assim envolta num ambiente de forte sociabilidade, em que para além das tarefas de homens e mulheres, havia ainda o convívio entre todos. Assim se passava um domingo junto ao rio, que também fornecia o almoço, geralmente o peixe apanhado à tarrafa, e as ervas aromáticas para fazer a caldeirada. E é do rio e da paisagem que João Chilrito diz ter mais saudade.

MUSEU DA LUZ

EXPOSIÇÕES ROTATIVAS

DAR VOZ AOS OBJECTOS